— I —

MACHADO DE ASSIZ

ANTÔNIO SALES

Presumo que de todos os homens de letras aquí presentes talvez seja eu o único que conheceu de perto Machado de Assiz. Sim, tive a honra e a fortuna de conviver com o mestre excelso e o grande homem de bem, que foi o autor de "Braz Cubas". Durante vários anos nos encontramos diariamente, com exceção dos domingos e feriados, primeiro no escritório da "Revista Brasileira" e, extinta esta, na Livraria Garnier.

Assim, pude de perto admirar o milagre que era a personalidade literária e social de Machado de Assiz. Ouví-lhe muitas vezes palavras de afeto e estímulo e sentí muitas vezes sua mão pousar-se no meu hombro com paternal carinho.

A natureza não concorreu em nada para esse milagre; ao contrário, parece que caprichou em torná-lo inapto para vencer na vida. Outros, que receberam dela maiores carinhos, passaram pela terra como seres nulos ou medíocres.

Mas no meio de todos esses entraves e deficiências ele possuia a força misteriosa do talento, que o fez vencer tudo, que o elevou da humildade de sua condição nativa à glória de chefe da literatura nacional.

Quando digo que a natureza não concorreu em nada para a formação da personalidade de Machado de Assiz, talvez eu esteja cometendo um erro de psicologia. Quem sabe se, dessas misteriosas combinações de inferioridades, não resultou o produto que, por um fenômeno químico, se transformou na gema preciosa do talento?

Mas o gênio raramente anda ligado às altas qualidades morais, que são quasi privativas dos homens normais. Machado de Assiz aliava ao gênio literário uma perfeita sanidade moral. O menino do morro do Livramento tornou-se um homem de carater puro, de elevados sentimentos e, o que é mais surpreendente ainda, de uma rara distinção de maneiras. Na roda da "Revista Brasileira" havia fidalgos de sangue, aristocratas apurados em várias gerações educadas no estudo e na prosperidade; entretanto, uma vez, pode-me dizer Leão Veloso:—De todos os homens desta roda o mais polido é Machado.

Dos elevados sentimentos dão prova sua impecavel probidade como funcionário e a sua perfeita correção como homem do lar. Contra a acusação que lhe fizeram de egoista e indiferente, protestam os seus versos de amor e principalmente essa formosa confissão, que é o incomparavel soneto a Carolina.

Diante desse conjunto de perfeições morais e intelectuais é irritante que biógrafos impiedosos porfiem em autopsiar a personalidade do Mestre para por em exibição suas taras físicas e a humildade de sua origem.

Nada disso interessa realmente ao público. Se a sociedade não pergunta aos ricaços e aos poderosos como formaram sua fortuna e seu prestígio, com que direito se encarniça em estudar Machado de Assiz anatomicamente, como um cadaver anônimo, que se retalha na mesa de um anfiteatro?

Lúcia Miguel Pereira, na sua aliás excelente biografia do Mestre, teve o mau gosto de insistir sobre sua miséria fisiológica e o seu nascimento humilde.

Peregrino Júnior, médico e escritor, consagra um livro especialmente para estudar Machado de Assiz como um caso patológico.

É deshumano e antistético... De Machado de Assiz só nos interessa a sua obra de escritor de gênio e a sua vida de homem puro e digno.

Milagres não há só na religião; há-os tambem nas letras e nas artes.

Maravilhemo-nos como esse desherdado dos fados se pode elevar para a glória em tão desamparadas condições de existência, como conseguiu formar essa personalidade diferente de todas as de seu tempo e por vários motivos superior a elas. Ele não se parece com qualquer outro vulto intelectual de sua época,—seja poeta, romancista, *conteur,* teatrólogo, cronista e crítico.

E, sem se saber como, aprendeu tudo. Conhecia várias linguas antigas e modernas. Todos sabem com que perfeição ele versejava em francês, e a estupenda tradução do "Corvo" de Poe demonstra como ele possuia a fundo a lingua inglesa. A antiguidade clássica, em sua história e literatura, lhe era perfeitamente familiar; familiar lhe era tambem a literatura moderna francesa, inglesa, alemã e italiana. E os

fatos da história política ou literária são evocados em seus escritos com a facilidade e a naturalidade dos verdadeiros sabedores, e não com esse pedantismo dos eruditos apressados que forçam as ocasiões de impingir conceitos apanhados em suas últimas leituras. Ao tempo em que toda a gente escrevia mal o português no Brasil, ele o escrevia com esmerada correção; quando quasi todos os poetas se exhauriam em pieguices sensaboronas, ele produzia essas maravilhas de forma e pensamento que são a "Mosca Azul", o "Círculo Vicioso" e a tradução do "Corvo" de Poe.

No meio dos romances ingênuos e mal escritos de Bernardo Guimarãis, Macedo e outros, Machado, depois de pagar seu tributo ao gosto do tempo com romances ligeiros e sentimentais como "Helena", "Ressurreição" e "Iaiá Garcia"—ainda assim muito superiores aos outros autores românticos—,criou o romance psicológico com "Braz Cubas" e "Quincas Borba", iniciando a série dessas obras primas que o imortalizaram. Seus contos primam pela originalidade e pela engenhosidade da fatura. Suas peças de teatro—somente teatro de salão—são de uma elegância primorosa, de uma graça encantadora. Suas crônicas são de um incomparavel aticismo, chegando à altura de páginas de grande história, como nessa famosa pintura do Velho Senado. Suas páginas de crítica revelam um agudo senso estético, um critério penetrante, e profundo sentimento de justiça.

De tudo isso se formou a gloriosa personalidade literária que nasceu há um século e que cada vez se nos mostra mais viva, mais rica em aspectos múltiplos e desconcertantes.

No momento em que a Academia Cearense de Letras se solidariza com todas as corporações lite-

rárias do País para glorificar Machado de Assiz, não se deve, porem, esquecer que ao lado dele está José de Alencar, que foi o criador do romance nacional. Os dois mestres se estimavam e respeitavam mutuamente.

Não podia haver rivalidade entre eles: um era o artista sutil, o joalheiro de idéias, que incrustava as gemas da ironia no ouro puro do seu estilo; o outro era o escultor arrojado, que criava os grandes tipos, o pintor, que pintava com fortes coloridos as figuras e as paisagens da terra brasileira. Se um era Benevenuto Cellini, o outro era Miguel Ângelo.

Se Machado de Assiz, ao lado das figuras amargas de Braz Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro e Conselheiro Aires, criou os tipos femininos de Iaiá Garcia, de Sofia Palha, de Capitú e da senhora da Missa do Galo, José de Alencar nos deixou os vultos adoraveis de Cecí, Iracema e outras de sua galeria de mulheres, e derramou de sua pena torrentes de poesia, que é a expressão luminosa e ardente da vida tropical.

Machado de Assiz e José de Alencar são os dois expoentes máximos da literatura de ficção no Brasil. São diferentes, mas não no valor absoluto da obra de cada um. São ambos grandes, cada um no domínio que lhe indicou seu temperamento. São duas glórias que não se repelem, mas que, ao contrário, se completam para elevar bem alto a mentalidade do Brasil.